

I.

No dia em que nos casámos eu tinha quarenta e seis anos, ela dezoito. Bem, já sei o que estão a pensar: um velho (não magro, um tanto calvo, a coxear de uma perna, dentes de madeira) exerce a prerrogativa conjugal, assim mortificando a pobre da jovem...

Mas é falso.

Isso é precisamente o que me recusei a fazer, estão a ver.

Na nossa noite de núpcias subi pesadamente as escadas, a cara corada da bebida e da dança, encontrei-a ataviada com qualquer coisa diáfana como uma tia a induzira a fazer, a gola de seda palpitando ligeiramente com ela a tremer — e não consegui fazer isso.

Falando-lhe numa voz afetuosa, disse-lhe o que me ia no coração: que ela era linda; eu era velho, feio, gasto; era um par estranho, que assentava não no amor mas na conveniência; o pai dela era pobre, a mãe doente. Era essa a razão por que ela estava ali. Tudo isso era muito claro para mim. E nem por sonhos lhe tocara, disse eu, quando via bem o medo dela e a... — a palavra que usei foi “repugnância”.

Ela assegurou-me que não sentia “repugnância” ainda que eu lhe visse a cara (linda, corada) contrair-se com a mentira.

Propus-lhe sermos... amigos. Poderíamos aparentar uma conduta, em tudo, como se tivéssemos consumado a nossa união. Ela poderia sentir-se descansada e feliz em minha casa e procurar fazê-la sua. Pelo meu lado, nada mais esperaria dela.

E foi assim que vivemos. Tornámo-nos amigos. Amigos sinceros. E era tudo. E todavia era muito. Ríamos um com o outro, tomáva-

mos decisões sobre as coisas da casa — ela ajudava-me a mostrar-me mais atento com os criados, a falar com eles de modo menos indiferente. Tinha bom olho para as coisas e levou a cabo uma bem-sucedida renovação dos aposentos a um custo inferior ao esperado. Ver que se animava quando eu chegava, reparar que se inclinava para mim quando discutíamos alguma coisa da casa, melhorou a minha sorte de uma maneira que não consigo explicar como deve ser. Era feliz antes, suficientemente feliz, mas agora dava muitas vezes por mim a dizer uma prece espontânea, que era simplesmente: Ela está aqui, ainda está aqui. Era como se um rio tumultuoso tivesse inesperadamente mudado o seu rumo para atravessar a minha casa, que agora emanava um perfume a água fresca e a sensação de que algo exuberante, natural e empolgante se movia por perto a todo o momento.

Certa noite ao jantar, espontaneamente, perante um grupo de amigos meus, ela fez o meu elogio — disse que eu era um homem bom: atento, inteligente, amável.

Quando os nossos olhos se cruzaram vi que tinha sido sincera ao dizê-lo.

No dia seguinte, deixou-me um bilhete em cima da secretária. Apesar de a timidez a impedir de exprimir tais sentimentos por palavras ou ações, dizia o bilhete, a minha delicadeza para com ela tinha tido como resultado o efeito que mais se pode desejar: era feliz, sentia-se verdadeiramente à vontade na *nossa* casa, e desejava, nos termos dela, “expandir as fronteiras da nossa felicidade comum daquela maneira íntima que eu, até agora, não conheço”. Pedia-me que a guiasse nisso do mesmo modo que a tinha guiado “em tantos outros aspetos da vida adulta”.

Li o bilhete, fui jantar — deparei com ela literalmente resplandecente. Houve uma aberta troca de olhares entre nós ali mesmo diante dos criados, encantados com aquilo que tínhamos conseguido fazer por nós próprios a partir de materiais tão pouco prometedores.

Nessa noite, na cama dela, tive o cuidado de não me mostrar diferente daquilo que tinha sido até aí: delicado, respeitador, atencioso. Pouco fizemos — beijámo-nos, enlaçámo-nos — mas imaginem, se assim quiserem, a riqueza desta prenda inesperada. Sentíamos ambos crescer a vaga de desejo (sim, como é natural) mas sustida

pela gradual e sólida afeição que tínhamos contruído: um laço sólido, durável e genuíno. Eu não era um homem inexperiente — tinha sido impetuoso na minha juventude; tinha passado tempo suficiente (sinto vergonha ao dizê-lo) em Marble Alley, na Band-box, no funesto Wolf's Den; tinha sido casado antes, e um casamento satisfatório — mas a intensidade deste sentimento era completamente nova para mim.

Ficou tacitamente entendido que, na noite seguinte, iríamos avançar na exploração deste “novo continente”, e pela manhã dirigi-me para o meu trabalho na tipografia debatendo-me com a força gravitacional que me impelia a ficar em casa.

E esse dia — desgraçadamente — foi o dia da trave.

Sim, sim, que sorte a minha!

Caiu uma trave do teto, atingindo-me exatamente *aqui*, quando estava sentado à minha secretária. E então o nosso plano teve de ficar adiado, enquanto eu convalescia. Seguindo o conselho do meu médico, dediquei-me à minha...

Uma espécie de caixa-de-enfermo foi considerada... foi considerada como sendo...

hans vollman

Eficaz.

roger bevins iii

Eficaz, sim. Obrigado, meu amigo.

hans vollman

É sempre um prazer.

roger bevins iii

Ali estava eu, na minha caixa-de-enfermo, sentindo-me parvo, na sala de estar, a mesma sala por onde há pouco tinha passado (exultante, com ar culpado, a mão dela na minha) a caminho do quarto dela. Depois o médico voltou, e os assistentes dele transportaram a minha caixa-de-enfermo para a sua carreta de enfermos, e percebi que... percebi que o nosso plano tinha de ser indefinidamente adiado. Que frustração! Quando poderia eu, agora, conhecer os plenos

prazeres do leito conjugal; quando contemplaria as suas formas nuas; quando se voltaria ela para mim naquele certo estado, a boca ávida, as faces coradas; quando iria o cabelo dela, solto num gesto voluptuoso, derramar-se finalmente à volta de nós?

Bem, ao que parece iríamos ter de esperar até que a minha recuperação fosse completa.

Um revés humilhante realmente.

hans vollman

E no entanto não há nada que não se possa suportar.

roger bevins iii

É bem verdade.

Confesso, porém, que não era esse o meu estado de espírito na altura. Nessa altura, ali na carreta de enfermos, ainda sem ligaduras, descobri que conseguia abandonar por breves momentos a minha caixa-de-enfermo, precipitando-me para fora e provocando pequenas nuvens de poeira, chegando mesmo a rachar um vaso, um vaso no alpendre. Mas a minha mulher e o tal médico, discutindo gravemente os meus ferimentos, não deram por nada. Não consegui suportar aquilo. Decidi fazer uma espécie de birra, confesso, e pus os cães a ganir dali para fora, passando pelo meio deles e induzindo em cada um deles um sonho com um urso. Era uma coisa que eu conseguia fazer nessa altura. Bons tempos! Agora seria tão capaz de induzir um sonho com um urso como o seria de levar a jantar fora aqui o nosso silencioso amigo!

(Tem um ar jovem, não tem, Sr. Bevins? No aspeto dele? Na postura?)

Seja como for, voltei para a minha caixa, gemendo daquele modo que nós temos... já se apercebeu disso, meu jovem amigo? Quando chegamos a este pátio do hospital, jovem senhor, e nos apetece chorar, o que acontece é que ficamos um nadinha tensos e temos uma sensação levemente tóxica nas articulações, e há pequenas coisas dentro de nós a rebentar. Há vezes que podemos defecar um pouco se ainda estamos de fresco. Que foi exatamente o que eu fiz, naquela carreta nesse dia, enquanto estava fresco, na minha caixa-de-enfermo, levado pela raiva, e qual foi o resultado? Fiquei com aquele

cocó em mim este tempo todo, e para dizer a verdade — espero que não ache isto indelicado, jovem senhor, ou repelente, espero que não ponha em causa a nossa nascente amizade — aquele cocó ainda aqui está, neste momento, na minha caixa-de-enfermo, se bem que mais seco!

Valha-me Deus, és uma criança?

E é, não é?

hans vollman

Acho que sim. Agora que fala nisso.

Lá vem ele.

Agora já quase completamente formado

roger bevins iii

As minhas desculpas. Santo Deus. Ficar confinado numa caixa-de-enfermo ainda em criança — e ter de estar a ouvir um adulto a entrar em pormenores sobre a presença de cocó seco na sua caixa-de-enfermo — não é, hum, a maneira ideal de fazer a sua entrada numa nova, ah...

Um rapaz. Um simples rapazinho. Oh, meu Deus.

Muitas desculpas.

hans vollman